OURIVESARIA PORTUGUESA

Nº1 Novembro 2014



SPLENDOR ET GLORIA
CINCO JOIAS SETECENTISTAS DE EXCEPÇÃO

GOVERNO DE PORTUGAL
SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

PATRIMONIO CULTURAL
Direção-Geral do Património Cultural

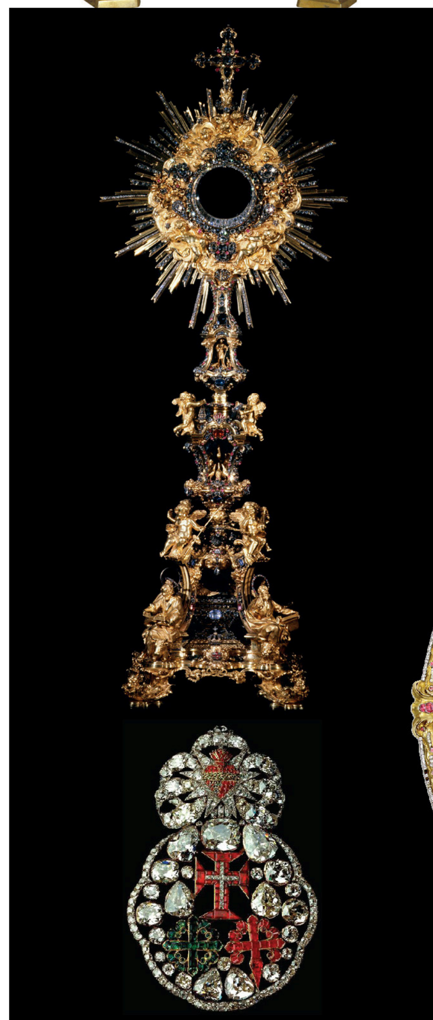
MNAA
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

Comunicado à imprensa

SPLENDOR ET GLORIA.
CINCO JOIAS SETECENTISTAS DE EXCEÇÃO

Museu Nacional de Arte Antiga, Sala do Tecto Pintado
24 setembro 2014 – 4 janeiro 2015





Lisboa, 23 de junho de 2014. A exposição "Splendor et Gloria. Cinco Joias Setecentistas de Exceção", um dos mais ambiciosos projetos do Museu Nacional de Arte Antiga, será inaugurada a 24 de setembro.

Programada para o mês de julho, a mostra foi adiada em consequência do complexo processo de restauro da Custódia da Sé Patriarcal de Lisboa, uma das peças absolutamente extraordinárias que irão ser expostas ao lado da Custódia da Bemposta, obra-prima da coleção do MNAA. As outras peças são o Resplendor do Senhor dos Passos da Graça, Lisboa, o Resplendor do Senhor Santo Cristo dos Milagres, Ponta Delgada, e a Venera das Três Ordens Militares das Joias da Coroa Portuguesa (Palácio Nacional da Ajuda).

Cinco joias de exceção que ilustram o esplendor artístico da corte de Lisboa durante o século XVIII e espelham o protagonismo de dois artistas igualmente excecionais: o arquiteto Mateus Vicente de Oliveira, como desenhador de obras de ourivesaria, e o joalheiro da coroa e cravador de diamantes, Adam Gottlieb Pollet.

Reunindo um acervo a todos os títulos excecional, seja pelo superlativo valor material e estético, seja pelo significado espiritual e cultural que o percorre transversalmente, que justificou semelhante investimento, esta exposição visa consolidar os avanços da mais recente historiografia, sumariamente abordados no quadro da mostra "A Encomenda Prodigiosa. Da Patriarcal à Capela Real de São João Baptista" (núcleo do Museu de São Roque), que o MNAA e a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa-Museu de São Roque organizaram em 2013.

As exposições da Sala do Tecto Pintado – assim designada por ostentar parte da quadratura original realizada pelo pintor toscano Vincenzo Bacherelli (1672--1745) – têm como alicerce comum o estudo, a conservação e a valorização das peças expostas e do acervo do MNAA.





Custódia da Bemposta
Lisboa, 1777

Custódia da Patriarcal
Lisboa, 1758/1759

Insígnia das Três Ordens Militares
Lisboa, 1789

Resplendor do Senhor Santo Cristo dos Milagres
Lisboa, c. 1785

Resplendor do Senhor dos Passos da Graça
Lisboa, 1753

OURIVESARIA PORTUGUESA

Nº1 Novembro 2014

Edição:
WWW.OURIVESARIAPORTUGUESA.INFO

Henrique Correia Braga
Sofia de Ruival Ferreira

henrique.sofia@ourivesariaportuguesa.info

Editorial

As Artes Decorativas sempre foram o parente pobre da imprensa em Portugal. Projetos como a Artes & Leilões ou a L+Artes há muito que findaram, sendo que a Revista de Artes Decorativas, editada pela Escola das Artes da Universidade Católica, ao fim de cinco números não mais foi publicada, já lá vão três anos.

Ao contrário das duas primeiras publicações, esta edição do Citar - Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes da Universidade Católica tinha um cariz menos comercial, com excelentes artigos mas num estilo demasiado académico e pecando pela falta de boas imagens, algo de fundamental quando estamos a falar de arte.

As poucas fotos eram quase exclusivamente a preto e branco e o reduzido formato da revista não ajudava, sendo mesmo um grande entrave à sua leitura, não existindo nenhuma interatividade entre leitores e revista.

Este projeto é basicamente um complemento ao nosso site www.ourivesariaportuguesa.info, feito por forma a perdurar a informação aqui dada, algo que um *sítio* na internet não permite de forma tão eficaz, nomeadamente quando se trata de citar uma qualquer informação - todos nós já nos deparámos com os chamados “links” quebrados.

A opção por uma plataforma digital e gratuita prende-se com o facto de termos plena consciência de que tentar uma edição comercial, impressa e paga, não teria qualquer viabilidade, por paradoxal que isso possa parecer. Outra questão que nos levou para um modelo gratuito prende-se com os direitos de autor das fotos que não são por nós tiradas. O preço que é pedido por fotos de objectos de arte decorativa é absurdamente caro, sendo que a qualidade das mesmas por vezes deixa muito a desejar! O nosso principio é que os objectos fotografados é que são arte, e os seus autores os artistas, não a fotografia ou o fotógrafo. Fotografias de arte são outra coisa totalmente diferente de fotos técnicas, se estas apresentam grande qualidade é isso mesmo que se pretende quando se paga pelo trabalho do fotógrafo. Alguma vez se colocou a questão de direitos de autor sobre um restauro, por melhor que ele tenha sido executado?

Como tema de capa escolhemos o célebre Resplendor do Senhor Santo Cristo dos Milagres, a maior e melhor joia devocional portuguesa, pela primeira vez exposta em Portugal continental desde 24 de Setembro, numa magnífica exposição no Museu Nacional de Arte Antiga, onde se podem apreciar mais outras quatro peças que representam o que de melhor foi feito no Portugal de setecentos.

Aproveitamos o tema anterior para apresentar algumas das joias que fazem parte desse mítico tesouro que está em Nápoles, constituído por mais de 20.000 peças oferecidas ao longo de sete séculos. Notarão que as fotos deste tesouro têm melhor qualidade do que as da exposição de Lisboa, mas isso prende-se precisamente com o que já falámos acerca da fotografia_vs_museus.

Com o pretexto da recente venda pela Cabral Moncada de uma salva historicista, executada por Filipe José Bandeira, inauguramos uma série de pequenas biografias sobre ourives da prata e do ouro que raras vezes são mencionados, resgatando do anonimato uma série de artistas, principalmente do século XX, tentando dar uma visão de conjunto da sua obra. Bastou a colocação no catálogo do leilão de um anúncio dos anos 20 da oficina desse ourives, onde o mesmo está fotografado enquanto cinzela uma salva semelhante à que esteve em venda, para despertar um redobrado interesse por parte dos colecionadores. Sinal dos tempos, ela acabou sendo arrematada por um milionário estrangeiro que reside em Portugal desde o ano passado…! Para nós, que fizemos a catalogação da mesma, fica o consolo de que já não é mais anónima, esperando que mais peças desse artista surjam no mercado.

A par com peças portuguesas, iremos dar destaque à produção internacional, imprescindível para a compreensão das influências que teve na produção nacional, onde está a originalidade da nossa ourivesaria, qual tem sido a evolução dos gostos pelas diferentes classes sociais, o que possuíam os nossos grandes colecionadores, etc., etc. Quando já se viram umas 2.000 peças, convencemo-nos que já sabemos bastante do assunto. Chegados às 20.000, deparamo-nos com infindáveis dúvidas. Finalmente, após se terem visto para cima de 200.000, começamos a ter uma ideia de conjunto, separando o original da cópia, a mestria do cinzel da boa estampagem ou fundição, o que é de facto produção nacional e o que foi importado, isto nas pratas, pois na joalharia tudo se complica ainda mais…

Este é um projecto aberto à colaboração de todos os que estiverem interessados em publicar trabalhos relacionados com a ourivesaria. Matéria prima não nos falta, pois temos em arquivo muitas dezenas de milhar de fotos, tanto de pratas como de joias, só que é humanamente impossível duas pessoas processarem todo esse manancial de informação, portanto que ninguém hesite em nos contactar.

A revista **OURIVESARIA PORTUGUESA**
é uma edição digital gratuita

Pode ser consultada em vários sites
especializados em alojamento de edições digitais

Internet Archive
Scribd
Issue

Caso deseje receber os próximos números da revista, envie um email a solicitá-lo para henrique.sofia@ourivesariaportuguesa.info

Vamos tentar manter uma certa periodicidade, com cerca de 6 números por ano.

As obras não nascem anónimas…!

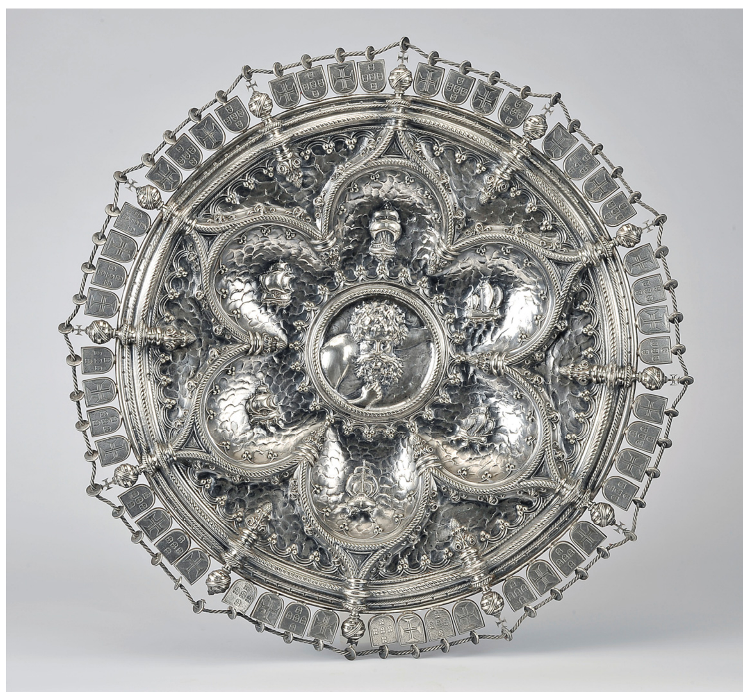
Quem queira fazer a história da ourivesaria do século XX em Portugal, irá deparar-se com um problema quase intransponível - o anonimato dos seus autores é a regra, tanto nas pratas como nas joias. A exceção vai para as lojas que tinham punção comercial, sendo que muitas vezes essa marca é erradamente interpretada como sendo do seu fabrico.

Exemplos não nos faltam, o mais paradigmático será o de David Ferreira / Luís Ferreira que, nunca tendo tido oficina e, portanto, nunca terem sido os autores dos objetos, as "suas" peças são sistematicamente atribuídas como de sua execução. Se bem que neste caso elas fossem encomendadas com base em desenhos originais fornecidos pelo lojista, ou por peças em outros materiais que não prata e que serviam para molde, da ideia ao objecto final está sempre uma oficina de ourives que fica no esquecimento.

Nas conversas que tinha com o Pereira Reis, esse grande prateiro portuense, vinha sempre á baila o esforço que ele tinha em transpor os *"rabiscos"* (era assim que ele se referia aos desenhos que lhe enviavam…) para a forma final.

Não pretendemos desmerecer a criatividade de quem concebia as peças, mas basta ver os desenhos originais da baixela Barahona, executados por Columbano Bordallo Pinheiro, e compará-los com o produto final para reconhecer um enorme talento a artistas ourives como Augusto Luiz de Sousa ou Francisco Ignacio Cardoso.

Só que a loja é um sítio limpo e de fácil acesso, a montra que leva o público a contactar com as peças, já a oficina é regra geral um local sujo e barulhentos, onde os estranhos nunca são bem vindos pois fazem parar o trabalho. Daí o escamoteamento a que são condenados os artífices e a aura que acompanha o lojista.



Salva do Adamastor de Filipe José Bandeira

Um de nós viveu bem isso desde que nasceu, pois o lado paterno era fabricante e o lado materno comerciante...e os atritos constantes!

O equilíbrio perfeito foi conseguido por Karl Fabergé. Ao dotar os seus mestres artífices com punção próprio, sabemos quase sempre se uma peça, para além da garantia de qualidade e gosto de Fabergé, tem a mestria de um Mikhail Perkhin, Julius Rappoport, Fedor Rückert, Henrik Wigström, etc., etc. Eram cerca de 500 artífices que foram os executantes das quase 200.000 pratas e joias saídas das oficinas de São Petersburgo ou Moscovo.

Sabemos melhor do que ninguém o esforço que é necessário para conseguir identificar os ourives que correspondem a essas pequeníssimas marcas apostas nas pratas e joias. Não raras vezes bradamos contra nós próprios por termos iniciado essa cruzada pelo resgate dos ourives anónimos!

Vem isto a propósito de uma grandiosa salva em prata que foi à praça no leilão de Setembro da Cabral Moncada. Tinha estado em leilão na Fauve de Paris, incorretamente descrita como sendo do século XIX e *assinada* Ourivesaria Xavier, com punção da contrastaria de Lisboa. Claro que não foi feita em Lisboa, pois possui contraste águia do Porto, o que significa que foi feita após 1938, a marca da Ourivesaria Xavier é a do retalhista e, finalmente, o mais importante: tem a marca de punção do ourives prateiro Filipe José Bandeira…!



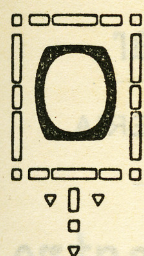
Marca Nº 1811, registada em 1920 e cancelada em 1971, ano em que Juliano Braga compra a firma a Maria Lúcia Bandeira. Seu Pai, nascido no Bomfim em 1895, faleceu em Vila Nova de Gaia em 1970.

Não posso esquecer o dia de 1971 em que pela primeira vez entrei naquela oficina, trespassada pelo meu Pai por 140.000$00, ocupando todo o rés-do-chão e com 1º andar que passou a ser residência e sala de exposição.

O número de moldes era infindável, mas o que mais me deslumbrou foi descobrir a tal "oficina a vapor". A força motriz já não era a caldeira inicial, mas um potente motor elétrico que dava força a um intrincado mecanismo de eixos e rodas dentadas, que punha em funcionamento as rodas de polir, laminadores, etc. Já tinha ficado radiante com a compra da oficina de Lisboa do Augusto Luiz de Sousa, com os seus gigantescos laminadores e um balancé que pesava 6 toneladas, mas esta oficina portuense tinha um carisma especial.

Já sabia muitas estórias de Filipe Bandeira, pois o mestre Augusto que trabalhava na nossa oficina de Lisboa tinha começado a trabalhar, com 14 anos, para Filipe Bandeira, acarretando sacas de carvão para alimentar a forja. Talvez por isso era ele que fazia as fundições para uma série de oficinas de Lisboa, bastava olhar para a cor do metal fundido para saber quando o verter na ruela.

Com as convulsões económicas e laborais resultantes da Revolução do 25 de Abril, em 1975 meu Pai deixava a actividade de industrial de ourivesaria, continuando esta oficina a laborar com os antigos artífices.



FICINA A VAPOR DE OURIVESARIA ARTISTICA

— DE **Filipe José Bandeira**

PERITO, PREMIADO, COM LONGA PRATICA DAS MAIS IMPORTANTES FABRICAS DE OURIVESARIA PORTUGUEZA
FORNECEDOR DAS PRINCIPAES OURIVESARIAS DE LISBOA E PORTO
ARQUIVO DE OBRAS DE ARTE



Trabalhos primorosos em todos os estilos. Especialidade em salvas historicas e decorativas bem como todas as obras de grande Arte.

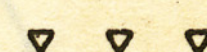


Taças sportivas, serviços, taboleiros e corbeiles.

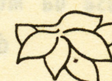




Execução esmerada e garantida em todos os trabalhos de Ourivesaria de prata, para o que dispõe de pessoal escolhido e habilitadissimo.



Serpentinas, salvas de uso comum, centros, cristais, marmores, etc., etc.



Catalogos de aguarelas em tamanho natural para escolha de qualquer trabalho.
Aceitam-se exclusivos de trabalho, desde que os modelos sejam fornecidos pelo freguez.

OFICINA: 795, Rua Herois de Chaves, 797 PORTO **RESIDENCIA: 800, Rua Herois de Chaves, 800**

Entre 1971 e 1975 esta oficina foi pertença de Juliano Braga, industrial de ourivesaria com sede em Lisboa mas nascido na Cedofeita, Porto. Em 1976 é constituída a sociedade Venâncio Pereira Lda, que continuará a laborar na oficina que tinha sido de Filipe Bandeira. O nome da artéria há muito que tinha mudado para rua D. João IV.

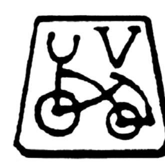
Na pesquisa por obras de Filipe José Bandeira, reparámos numa salva que vem ilustrada na obra "A Ourivesaria Portuguesa Contemporanea" de Pedro Fazenda e publicada em 1927. Na página 183, no capítulo dedicado à Casa Reis Filhos do Porto, vem a descrição, acompanhada por foto, de uma salva em prata executada no estilo Manuelino, que foi oferecida pela cidade do Porto ao célebre Marechal Francês **Joseph Jacques Césaire Joffre**, herói da 1ª Grande Guerra que ficou, devido à sua popularidade, conhecido como o Papa Joffre. É a salva que, no anúncio da página anterior, Filipe Bandeira cinzela, aos 26 anos de idade e um ano após o estabelecimento da sua oficina!

Na rosácea central está gravado *"Ao Marechal Joffre—Cidade do Porto—13 de Abril de 1921"*. Que melhor exemplo nos podia calhar para ilustrar o título deste artigo—não fosse a nossa teimosia e esta salva permaneceria no anonimato, ou então falsamente atribuída a António Maria Ribeiro, que foi o grande cinzelador da Casa Reis e executou trabalhos semelhantes. Serve este exemplo também para a questão da reedição de obras antigas, como foi o caso do presente livro e que deveriam ser revistas e actualizadas.

Outra das curiosidades que aconteceram ao longo desta investigação, foi o facto de eu em 1978 ter visitado a antiga oficina do meu Pai e que tinha sido de Filipe Bandeira, tendo presenciado o fabrico de aves em prata com aplicação de cristais de quartzo. Tendo perguntado se poderia adquirir alguns para a minha loja, foi-me dito que estavam a trabalhar em exclusivo para exportação para um cliente americano, por intermédio da firma Henrique Cândido Cruz.

Curiosamente, poucos anos passados sobre este episódio, esta firma, Venâncio Pereira Lda, torna-se o fornecedor de muitos dos célebres "bichos" de Luiz Ferreira, alguns iguais aos que eu tinha visto a serem feitos para a América…!





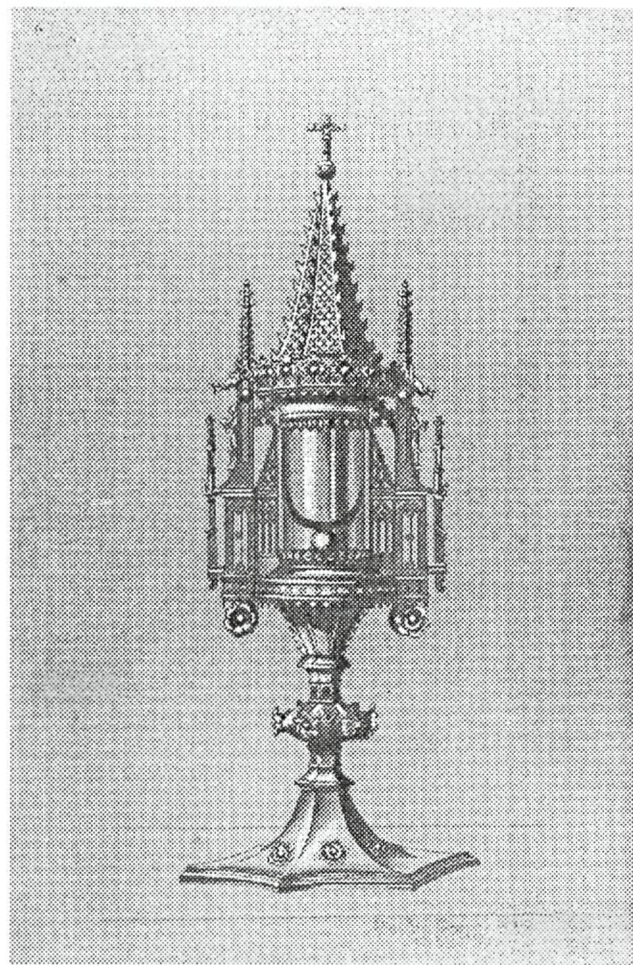
Marcas de Filipe Bandeira, Juliano Braga e Venâncio Pereira.



Salva Manuelina oferecida em 1921 ao Marechal Joffre

Filipe José Bandeira frequentou a Escola Faria Guimarães do Porto entre 1909 e 1913. Na Tese de Mestrado intitulada **O ENSINO DAS ARTES APLICADAS (ourivesaria e talha) NA ESCOLA FARIA GUIMARÃES**, Maria Natália Moreira Lobo refere que por essa data já Filipe Bandeira exercia o ofício de cinzelador. Como em 1909 ele tinha apenas 14 anos de idade, achamos que isso se terá passado em 1912 ou 13. Na mesma obra ficamos a saber que trabalhou na oficina de Celestino da Mota Mesquita, sita na Rua das Flores onde ocupava todo o edifício de quatro andares, situando-se a loja ao nível da rua, a célebre Ourivesaria Aliança. As suas oficinas foram consideradas as maiores da Península Ibérica. Como esta oficina foi fundada em 1916, terá sido entre esta data e 1920 que Filipe Bandeira lá permaneceu, sabendo-se que foram várias as oficinas em que trabalhou, antes de aos 25 anos de idade se estabelecer por conta própria.

Na figura ao lado direito podemos apreciar uma custódia neogótica desenhada por Filipe Bandeira e que vem ilustrada na Tese acima referida. O ano passado tivemos a informação que o catálogo de aguarelas a cores referido no anúncio de Filipe Bandeira ainda está na posse de sua filha, seria importante a sua digitalização por forma a perdurar esse aspecto importante da sua obra.



203 - Desenho do aluno Filippe José Bandeira (cinzelador), datado de 2/6/1913



Salva do Adamastor de Filipe José Bandeira

Filipe José Bandeira dedicou-se essencialmente à produção de peças de cariz historicista, muito procuradas tanto pela nossa burguesia endinheirada como pelo Brasil, onde as peças de grande imponência eram um *must*.

A obra mais célebre foi sem dúvida o "Relicário de D. João I", essa encomenda megalómana da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia com a finalidade de a oferecer a António de Oliveira Salazar, então o todo poderoso Ministro das Finanças. Tudo terminou na maior desfeita para esta Câmara, pois Salazar nem sequer compareceu no acto público da oferta, tendo recusado a mesma e oferecido o dito relicário à Câmara Municipal do Porto, onde ainda hoje se encontra. A "relíquia" de D. João I, uma barra de ouro com o peso de 540 g é que nunca mais foi vista…

Este relicário mede de comprimento 87 cm por 72 de largura e 83 de altura, sendo composto por cerca de 900 peças cinzeladas e soldadas umas nas outras, algo que caraterizava toda a produção de Filipe Bandeira, como podemos ver pela foto abaixo, onde figura uma floreira centro de mesa, com punção javali, presente no leilão nº XVI da Véritas, lote 216, realizado em Dezembro de 2012.

Se compararmos a salva agora em leilão, lá estão as naus, as esferas armilares e as cordas ao gosto neomanuelino, não sendo possível impedir que a nossa memória nos traga o centro de mesa da baixela do Visconde de S. João da Pesqueira, desenhada em 1903 por Rafael Bordallo Pinheiro e executada na grande oficina portuense de Guilherme Soares, para quem, não por acaso, Filipe José Bandeira tinha trabalhado como cinzelador.

Há precisamente 30 anos realizou-se no Porto uma grande exposição de ourivesaria, acompanhada por um colóquio sobre a Ourivesaria no Norte de Portugal. Uma das palestras apresentadas foi precisamente sobre o Relicário de D. João I, da autoria de Gonçalves Guimarães. É com o "link" para este trabalho que terminamos, por agora, esta abordagem a Filipe José Bandeira.

O "RELICÁRIO DE D. JOÃO I"
DE FILIPE JOSÉ BANDEIRA



GONÇALVES GUIMARÃES
PORTO 1984

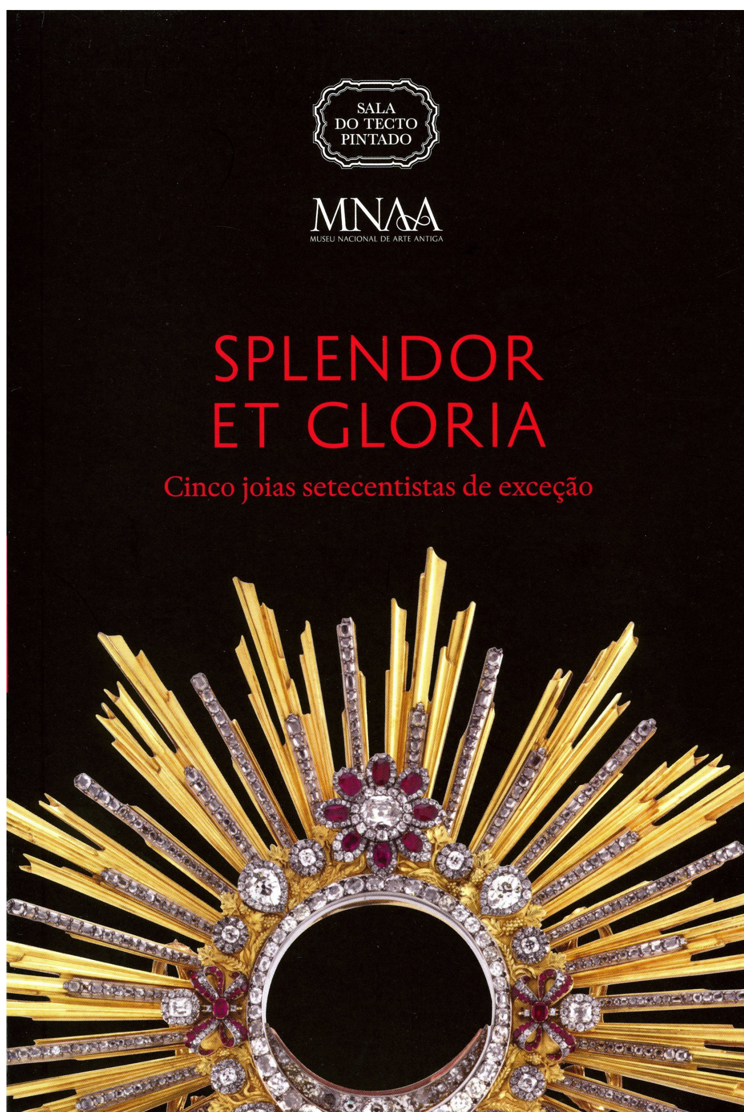


Centro de Mesa de Filipe Bandeira, vendido em Dezembro de 2012 na leiloeira Veritas, por nós identificado como obra deste artista. 25x67x36 cm

Era para ter sido inaugurada em Julho e terminar em Dezembro, só que a polémica criada nos Açores em torno da saída do Resplendor do Senhor Santo Cristo dos Milagres, onde se chegaram a realizar "cordões humanos" contra essa saída, provocou um atraso de 2 meses, pois o dito resplendor só em finais de Julho saiu de Ponta Delgada rumo a Lisboa.

Não pretendemos entrar nesta polémica, não só porque terminou com a efectiva saída dessa obra de arte para ser condignamente exposta em Lisboa, e isso era o essencial da questão, como a hierarquia da Igreja açoriana teve um comportamento a todos os títulos irrepreensível.

Iniciamos este artigo sobre esta exposição com o assunto do mencionado Resplendor, pois esta é a *estrela* desta exposição - as duas custódias ainda o ano passado fizeram parte da exposição "A Encomensa prodigiosa", e têm estado expostas permanentemente, já o Resplendor do Senhor dos Passos da Graça é muito menos conhecido e desconhecemos se estava exposto ao público, sendo que o Hábito das Três Ordens Militares, muito conhecido e divulgado em inúmeras publicações, desde a exposição dos Tesouros Reais que não estava em exposição, já lá vão 23 anos...



Uma das vantagens destas exposições, para além do óbvio que é as podermos voltar a admirar, prende-se com o facto de muitas das obras de arte não estarem devidamente estudadas, muitas necessitarem de um urgente restauro ou de processos de limpeza que devem ter uma certa frequência, décadas de oxidação podem ser irreversíveis para alguns elementos mais frágeis.

Quanto ao estudo, voltamos mais uma vez ao Resplendor do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Se consultarmos a documentação açoriana a ele referente, ficamos a saber que quase unanimemente o mesmo é referido como sendo feito em "*platina cromada a ouro*"!?! Objectos do século XVIII feitos em platina são extremamente raros, encontramos aplicações de platina na decoração de muitas caixas para rapé, mas peças integralmente ou em grande parte feitas de platina são raríssimas, só conhecemos as de Marc Étienne Janety. Agora platina cromada a ouro isso é coisa que nunca existiu e jamais poderá existir, cromado é com crómio, com ouro é dourado, é extraordinário como este erro se propagou nos meios culturais açorianos, sem nunca ser questionado. Mas há muito que é sabido que o resplendor é feito em ouro e prata, não existindo sequer prata dourada, basta ler o excelente artigo que António Filipe Pimentel publicou no Nº 43 da revista Oceanos, Julho/Setembro de 2000, intitulado "Percursos do Barroco nos Caminhos do Atlântico: o Culto e o Tesouro Açoriano do Senhor Santo Cristo dos Milagres".

Nas restantes peças agora apresentadas, nada de substancial foi descoberto, a grande novidade tinha acontecido aquando da preparação da exposição "A Encomenda Prodigiosa", onde ao desmontar-se a Custódia da Bemposta ficou visível a inscrição *Adam Pollett / en 13 Mayo 1777 e RDP3 (Rei D. Pedro III) / Rey Mandou / en 13 Mayo 1777*, dando assim razão a Nuno Vassallo e Silva que vinha dizendo que a autoria desta obra seria de Adão Pollett. Também aqui poderemos ficar pelo mencionado número da Revista Oceanos, que tem dois artigos de Nuno Vassallo e Silva onde está tudo bem fundamentado, sendo de realçar que o mesmo apontava a data da execução entre 1775-1780 e a mesma está datada de 1777…!

Pensamos é que já é tempo do Museu Nacional de Arte Antiga emendar a ficha desta peça que está no seu site, não alargamos o pedido ao MatrizNet pois não pecamos por inocência em excesso.

Quanto ao catálogo que acompanha esta exposição, aí não vamos buscar a Oceanos pois 38x27 cm deixa os 21x14 em KO! Mas lá que estas joias mereciam mais uns centímetros de página, disso estaremos todos de acordo, se bem que a qualidade das fotos do resplendor do Santo Cristo dos Milagres não tenha a profundidade de campo, a nitidez e o contraste que uma peça destas merecia, e aí voltamos ao artigo de Filipe Pimentel na revista Oceanos, cujas boas fotografias são todas de sua autoria. Passados 14 anos só poderíamos esperar melhor.











Estas são as cinco obras setecentistas agora em exposição no Museu Nacional de Arte Antiga. Fala-se que o Resplendor do Santo Cristo dos Milagres regressará aos Açores em finais de Outubro

1– Custódia da Sé Patriarcal

2– Custódia da Bemposta

3– Resplendor do Senhor dos Passos da Graça

4– Resplendor do Senhor Santo Cristo dos Milagres

5– Hábito Grande das Três Ordens Militares

1 - Custódia da Patriarcal

Ourives: Joaquim Caetano de Carvalho
Ouro 22 kt (17,209 Kg) - Alt. 90,5 cm - Diam. 32,5 cm
4.120 Diamantes, rubis, safiras, esmeraldas, granadas hessonites, espinelas e vidros.
Lisboa 1760

Esta custódia é tida como a mais sumptuosa entre todas as que foram produzidas no séc. XVIII em Portugal. Segundo a documentação que tem sido divulgada, era para ter sido feita pelo célebre ourives francês Thomas Germain.

Pela leitura do catálogo da exposição, ficamos a saber que a 6 de Agosto de 1748, o guarda-joias da Coroa, Pedro António Virgolino, envia uma carta a Thomas Germain encomendando ***" o risco de huma Custódia para a exposição do Sacramento"*** recomendando que esta seria para ***"guarnecer com diamantes e mais pedras preciosas"***. No dia 10 de Novembro desse ano aportaria finalmente a Lisboa o **"belo risco"** a fim de ser submetido à apreciação do Rei.

Pelo meio desta cronologia da encomenda, são referenciadas as ***"tensões"*** entre a Coroa portuguesa e o ourives. Esse é um facto inquestionável, a observação que achamos pertinente é o facto de que se a carta foi enviada a 6 de Agosto, Thomas Germain morreria a 15, em nove dias nem a carta leu, quanto mais fazer ***"o risco"*** pretendido. O desenho que chegou a Lisboa teve que sair da mão de seu filho e continuador, François Thomas Germain, cujo 1º punção de mestre ourives só é registado a 27 de Novembro de 1748.

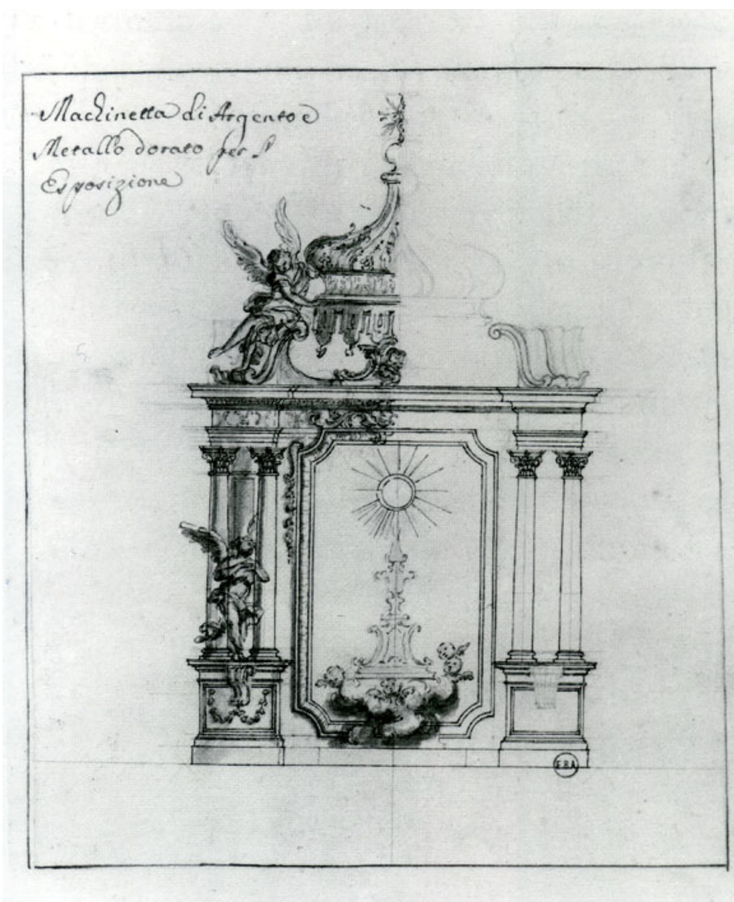
Ao que se sabe foi o perigo de levar a preciosa pedraria para Paris que fez com que se optasse por a realizar em Lisboa, encarregando-se o ourives Pedro da Silva para tal efeito. Este morreria sem a terminar, passando esse trabalho para o ourives da rainha Joaquim Caetano de Carvalho. O terramoto de 1755 viria dar um novo atraso à execução da obra, que já estava na fase de engaste das pedras preciosas, obrigando a refazer a mesma num prolongado trabalho que só teria termo em 1760.

No catálogo desta exposição é referida ***" riquíssima custódia em ouro e pedras, atribuída à oficina do ourives italiano António Arrighi (1687-1776), cujo desenho sobreviveria integrado no denominado Álbum Weale (A Encomenda Prodigiosa, 2013, Núcleo II, cat.135); custódia essa que estará, certamente, na origem de dotar a Capela Real / Patriarcal com dispositivo de igual dignidade para a exposição solene da sagrada partícula. E, assim, com a custódia de ouro de São Roque se confronta, em novembro seguinte, o belo risco de Thomas Germain"***. Uma pergunta se coloca face a esta afirmação: "***atribuída à oficina do ourives italiano António Arrighi"*** por quem?

Pelo menos desde 1900, data em que foi publicado esse excelente trabalho de Sousa Viterbo e Vicente de Almeida intitulado ***"A Capela de S. João Baptista erecta na Egreja de S. Roque"*** se conhece o nome do ourives que produziu tal custódia: **Tomasso Puliti**. Note-se que esta obra foi reeditada pelos Livros Horizonte em 1997. Maria João Madeira Rodrigues, que foi conservadora do Museu de S. Roque (1963 e 1980), na sua obra ***A Capela de S. João Baptista e as suas colecções*** igualmente faz esta atribuição, mas o que é mais estranho é o catálogo em questão citar a ficha 135 do catálogo de 2013 ***A Encomenda Prodigiosa***, pois em tal ficha respeitante à custódia não é mencionado algum ourives! E nesse mesmo catálogo, na pág. 62 referente à exposição de S. Roque, está escrito por Teresa Leonor Vale ***"Só através dos desenhos do* Álbum *podemos hoje conhecer (…) peças tão importantes como, por exemplo, a custódia de ouro realizada pelo ourives Tommaso Politi"***.

Que não restem dúvidas, a custódia não teve intervenção sequer de António Arrighi. Este esclarecimento é pertinente não só para repor a verdade histórica, como também para a questão ***"do dispositivo de igual dignidade para a exposição solene da sagrada partícula"***. Apesar da desaparecida custódia de S. Roque pesar cerca de 20 kg ouro, a sua altura era cerca de 2/3 inferior à da Patriarcal e, mais importante, esta possui incrustadas mais de 4.000 pedras preciosas, o que faz toda a diferença. Até porque na época o rácio do ouro face à prata era de 1/16, enquanto hoje é de 1/70, a grande diferença de valor não estava no metal empregue, mas sim na pedraria.

O que António Arrighi executou foi a Machineta em cujo interior era colocada a Custódia. Embora de prata dourada, segundo Viterbo, e prata e metal dourado segundo a inscrição na gravura, o seu preço foi de 10.140 escudos, enquanto a custódia mais o respetivo pedestal se quedaram pelos 6.476 escudos. Foi pena que o desenho de tal maquineta não estivesse patente na exposição de 2013, para colmatar tal falta aqui o inserimos.



2 - Custódia da Bemposta

Logo de inicio abordámos a questão da autoria desta custódia, até há pouco atribuída a João Frederico Ludovice mas, agora, definitivamente comprovada como de Adão Gottlieb Pollet. Pela documentação consultada, desde Joaquim de Vasconcellos na sua obra ***Arte Religiosa em Portugal*** publicada em 1914, até João Couto em ***Ourivesaria em Portugal***, a datação desta obra sempre foi balizada entre 1740 e 1750, a atribuição a João Frederico Ludovide virá mais tarde e sempre com interrogações. Na ficha do MNAA o contra-argumento para uma datação já da década de 70 do séc. XVIII consiste em que ***"o cunho romano joanino já estaria plenamente ltrapassado na década de 80"***. Vassallo e Silva tinha adiantado o período de 1775-1780 que corresponde à década de 70, não de 80!

Mas também não seria por uma ano que o modelo se tornaria demasiado tardio, para nós a questão reside fundamentalmente no simples facto de que o local para que foi feita, a Capela do Paço Real da Bemposta, tinha sido destruída quase por completo no terramoto de 1755, sendo reconstruida à imagem da Capela de S. Roque, se bem que num gosto rococó tardio. Este facto está omitido na citada ficha, bem como na maioria das obras a que esta capela se referem. Recorde-se também que esta capela foi reconstruida por Manoel Caetano de Sousa, conhecido como ***"o último arquiteto do barroco"***, não só não existia desfasamento estilístico entre custódia e o local onde ia ser integrada, como a sobrevivência desta ao terramoto, caso tivesse sido executada entre 1740-50, não é compatível com destruição do templo.



Pormenor da custódia onde está cravejado o topázio imperial em talhe rosa oval, que Rui Galopim de Carvalho destaca, pela sua dimensão e cor quase vermelha, como ***"gema de excepção a nível mundial"***.

As fotos do catálogo não possuem o contraste e definição que estas gemas mereciam, nesta foto tentei o meu melhor sem uso de tripé e iluminação extra, pelo que a profundidade de campo não é a desejada. A foto ao lado foi tirada aquando da exposição em S. Roque, beneficiando de uma melhor iluminação.

Ourives: Adão Gottlieb Pollet
Prata dourada - Alt. 97 cm - Diam. 33 cm
Diamantes, rubis, safiras, esmeraldas, ametistas, criso-berilos e topázios.
Lisboa 1777



No catálogo agora editado é avançada uma tese bastante interessante, que se prende com a compra, por parte da Casa do Infantado, da custódia da 2ª Duquesa de Abrantes, em prata dourada e guarnecida com as suas melhores joias, em cujo resplendor se encontravam diamantes, brilhantes e rubis, pelo que poderemos estar na presença de uma peça compósita!



3 - Resplendor do Senhor Jesus dos Passos da Graça

Esta foi a primeira vez que vimos este resplendor e, sinceramente, de memória temos um em prata que foi da Catedral de São Paulo e está presentemente no Museu de Arte Sacra daquela cidade e, claro está que o do Santo Cristo dos Milagres nos Açores. Pensamos que foi a presença deste nesta mostra que tornou pertinente apresentar o da Graça.

A atribuição do seu fabrico recai sobre João Frederico Ludovice, mas nenhuma documentação até agora atesta tal facto. Pela dificuldade em consultar a bibliografia apresentada, deixamos aqui uma recolha de alguns dos documentos a que o catálogo alude, nomeadamente a obra do Padre José de Lacerda.


ESBOCETO HISTORICO
VENERANDA IMAGEM
SENHOR JESUS DOS PASSOS DA GRAÇA
D. JOSÉ DE LACERDA
LISBOA

Ourives: João Frederico Ludovice (atrib.)
Ouro - Diam. 40,5 cm
Lisboa c. 1745



4 - Resplendor do Senhor Santo Cristo dos Milagres

Como dissemos na introdução, o melhor trabalho que conhecemos sobres esta peça é o artigo que António Filipe Pimentel publicou no Nº 43 da revista Oceanos, Julho/Setembro de 2000, intitulado ***"Percursos do Barroco nos Caminhos do Atlântico: o Culto e o Tesouro Açoriano do Senhor Santo Cristo dos Milagres"***. Nele não só está descrito em pormenor o presente resplendor, bem como as restantes peças que fazem parte deste tesouro.

Ressalvamos aqui dois pormenores que os dados existentes à época não permitiam: a atribuição a David Ambrósio Pollet ao invés de que a seu pai, agora perfeita e definitivamente esclarecida, bem como o facto de ue a maioria dos diamantes "brilhantes" descritos são na realidade topázios incolores forrados, como salienta Rui Galopim de Carvalho no capítulo do exame gemológico que realizou, o que em nada retira de valor artístico à peça em questão, tornará talvez a avaliação de 7 milhões de euros um pouco mais absurda em termos de valor de mercado, se bem que achamos de todo legítimo que os açorianos não se conformem com um valor menor para um tesouro que é insubstituível.

Ficamos a aguardar o dia em que uma monografia sobre este tesouro açoriano seja feita, a relevância internacional de que se reveste em tudo a justifica, sendo que muito da mediatização e êxito desta mostra e este resplendor se deve. Junto com o restante tesouro, bem documentado e fotografado, será um motivo por demais justificativo para uma viagem até Ponta Delgada!

Ourives: Adão Gottlieb Pollet
Desenho : Mateus Vicente de Oliveira (atrib.)
Ouro e prata (4,850 kg) - Diam. 43 cm
6.842 Diamantes, topázios incolores e imperiais, rubis, safiras, crisoberilos e granadas.
Lisboa c. 1777-86



Fotografar com luz inapropriada para o efeito e sem recurso a um tripé não permite grande detalhe do objecto fotografado, os reflexos no vidro que são visíveis na foto do Resplendor do Senhor Jesus dos Passos são demasiado evidentes, resta a consolação de que a visita à exposição e compra do catálogo corrige este problema...!

5 - O Hábito Grande das Três Ordens Militares

Ourives: David Ambrósio Pollet
Ouro e Prata - Dim. 15,9 x 10,2 cm
Diamantes, rubis, esmeraldas e granada
Lisboa c. 1790

A quinta e última peça do catálogo é a Insígnia que, juntamente com a Placa que não está nesta mostra, constituem as condecorações das Três Ordens Militares executadas por Ambrósio Pollet para a Rainha D. Maria I.

Nela estão cravejados 224 brilhantes dos quais 104 provinham do ***"Hábito velho"*** descravado para se fazer este, 129 rubis e 77 esmeraldas.

O que esta joia tem de superlativo em relação às anteriores é o facto de possuir diamantes de grandes dimensões, nomeadamente 5 têm pesos superiores a 12 ct, sendo que o maior pesa 26 quilates, o que sobe exponencialmente o valor da peça, não causando admiração que em 1927 a mesma fosse avaliada em 81.800.000 reis, o que dá hoje qualquer coisa como 4,4 milhões de euros, usando o padrão ouro como referência. É um valor muitas vezes superior ao do resplendor do Santo Cristo dos Milagres.

Curiosamente há uma grande diferença entre a técnica de fabrico deste Hábito e a da Placa, enquanto na primeira as cravações são fechadas, na Placa são abertas, numa técnica a que os joalheiros designam por ***"caseado"***. Isso significa que as gemas não podem ser beneficiadas pelo recurso ás folhetas reflectoras, o que significa a uniformidade de cor ter de ser paga a um preço muito superior para um resultado idêntico.

Para ilustrar esta técnica, visto não termos foto do verso da Placa, recorremos a uma peça que certificámos em 2008, atribuindo-a a Ambrósio Pollet.



No Palácio Nacional da Ajuda está outra joia feita com a mesma técnica de ***"caseado"***, o célebre Tosão de Ouro, onde só a cravação da safira é forrada, sendo que esta não é a original e possui forro de cor azul para lhe dar maior semelhança com a de origem.







Cerca de 21.000 objetos preciosos doados ao longo de 7 séculos!



O Tesouro de San Gennaro

Conhecido igualmente por **Tesouro de Nápoles**, este fantástico acervo de preciosidades deve-se à devoção dos napolitanos a São Januário, devoção essa que tem na sua génese semelhanças com a devoção dos Açorianos à Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres, em ambos os casos estamos a falar de zonas fustigadas por fenómenos vulcânicos e sísmicos que muitas mortes provocaram ao longo da história. A dimensão do Vesúvio face aos vulcões activos do arquipélago açoriano é imensamente superior, talvez por isso o seu tesouro também seja directamente proporcional.

Há 2000 anos **Tito Lucrécio Caro** tinha afirmado que ***o medo era a mãe de todos os deuses***, para nossa felicidade também será a esse medo que devemos estas magníficas obras de arte, desconhecidas do grande publico até que em 2003 abriu o ***Museo del tesoro di San Gennaro***. Em 2013 as mais valiosas peças deste museu viajaram sobre forte medidas de proteção até Roma, onde decorreu uma exposição até 2 de Março de 2014, cujo catálogo foi editado pela Skira.



Na altura foi publicitado que era a primeira vez que peças deste tesouro saíam de Nápoles, a bem da verdade já em 1987 48 obras primas tinham viajado até aos Estados Unidos, incluindo 14 esculturas em prata, para uma exposição no Museu de Brooklyn, tendo na altura sido editado um catálogo sobre as pratas do Tesouro de Nápoles, hoje muito difícil de encontrar.



De Roma o Tesouro viajaria para Paris, onde esteve exposto no Museu Maillol até Julho passado. Para esta mostra foi editado outro catálogo, tendo a revista Connaissence des Arts publicado um número especial exclusivamente dedicado ao tema.



Em poucos anos, um tesouro que era em grande parte desconhecido e muito mal documentado, passou a estrela de exposições e viu grandes editoras a interessarem-se na sua divulgação. Nestas edições que demos nota são de destacar ao fotografia de excelência que acompanham os textos. Visto estarem cobertas por direitos de autor, decidimos não digitalizar nenhumas destas obras, mas queremos convosco compartilhar as que tivemos sorte em obter e que aqui colocamos. No respeitante às esculturas em prata, felizmente um napolitano apaixonado por arte criou uma série de excelentes álbuns de fotos, tendo-as colocado no Flickr, que por sinal é também o nosso preferido para disponibilizar as nossas fotografias, pois o nosso site está alojado nos servidores da Yahoo que é igualmente a detentora do Flickr, sendo que o contrato estabelecido com a Yahoo nos permite alojar toda a documentação sem restrições de espaço.



No álbum de ***Karl*** é possível ver em pormenor cada umas das esculturas em prata, com as respetivas legendas, um trabalho a todos os títulos louvável.

Uma joia feita de muitas joias

O Colar de San Gennaro é, tanto em termos de valor monetário como em variedade de pedraria, a mais fascinante das joias deste tesouro. Tudo começou em 1679, quando os responsáveis pela capela do tesouro, decidiram encomendar ao joalheiro Michele Dato um colar para o busto de São Januário, a ser feito por montagem das joias que até aí tinham sido oferecidas à imagem.

A harmonia geométrica e a combinação de elementos de épocas distintas foi magistralmente conseguida por este ourives, bem como pelos que o têm prosseguido, como no caso do conjunto central com as sete esmeraldas, executado em 1732. As joias incorporadas são provenientes de doações ao mais alto nível, num desfile de nomes como Maria Imaculada de Bourbon, Francisco I de Bourbon, Duquesa de Casacalenda, Maria Cristina de Saboia, Carolina da Áustria ou o próprio Napoleão Bonaparte. É um desafio isolar e apreciar cada uma destas joias, com tempo iremos faze-lo e aqui daremos conta.

Como podem observar pela foto abaixo, algumas gemas aparecem com cores muito alteradas, nomeadamente as olivinas que do verde original passaram a amarelo, talvez por isso tanto são referenciadas como olivinas ou como crisoberilos. As esmeraldas da Colômbia destacam-se pela sua qualidade e tamanho, bem como as safiras de uma bela cor.

No ano de 2010 foi editada a obra ***Le dieci meraviglie del Tesoro di San Gennaro***, onde é feita uma análise gemológica das gemas aplicadas, acontece que o preço de €190 entra no campo do proibitivo, no site do Museu está por €170 mas as compras online não funcionam…!

Não podemos deixar de mencionar uma oferta da Rainha Maria José, filha do Rei Alberto da Bélgica e mulher do Rei Humberto de Itália, não só por ser conhecida a sua vida de exilio em Cascais, como por ser a própria Maria José bisneta do Rei D. Miguel. Reza a história que em 1933 maria José efectuou uma visita privada ao tesouro. Quando estava a apreciar o colar, foi-lhe dito que o mesmo era constituído por joias oferecidas por vários monarcas. Sentindo-se no dever de também ela oferecer algo, tirou do dedo o seu anel de diamante e ofereceu-o. Examinando com atenção o centro do colar, entre o alfinete laça que está no topo e que tem dependurados um par de brincos com pérola e brilhante, é possível ver na parte que o une ao colar o dito anel.



Pixide - Ouro, Coral e malaquite



A oferta da Rainha Maria José não foi a única desta casal real, em 1931 o futuro Rei Humberto II visitou a cidade de Nápoles, instalando-se no palácio real. Por recomendação de seu Pai, Victor Emmanuel, previamente tinham encomendado à família Ascione de Torre del Greco, fornecedores tanto da Casa Real como da Casa de Saboia, uma píxide em ouro cinzelado, ornamentada com aplicações de coral e malaquite.

A oficina Ascione, fundada em 1855 e que ainda hoje existe, tornou-se famosa pelos trabalhos em coral, alguns dos quais se podem admirar no Museu do Coral daquela cidade, curiosamente sediado na Galeria Umberto I. Esta píxide , com 33 cm de altura, pode-se considerar um dos melhores trabalhos dos Ascione, onde cada elemento iconográfico tem um valor simbólico preciso, sendo de destacar os quatro camafeus em coral que ornamentam a base, cada um representando um dos apóstolos. Enquanto o coral simboliza o sangue de Cristo e a Paixão, a malaquite é, desde a idade média, conhecida por suas propriedades medicinais e apaziguar a dor.

A par com o anel pessoal de Maria José, esta píxide perpetua o nome dos que foram os últimos reis de Itália, reinado esse que durou pouco mais de trinta dias pois um referendo tornaria a Itália uma república, terminando um reinado de um dos reis que na europa melhor se tinha preparado para o cargo…Havia sido seu pai que tinha reunificado a Itália, Maria José tinha condenado a politica de Mussolini, mas a II Guerra alteraria toda a História.

Cruz - Ouro, Prata, Diamantes e Esmeraldas

Foi em Novembro de 1878 que Margarida e Humberto I foram coroados reis de Itália, finalmente reunificada. Ao atravessarem Nápoles no coche real, são alvo de um atentado, tendo sido salvos pelo Presidente do Conselho, Benedetto Cairoli, que se interpôs entre o agressor e o casal real.

Considerando que essa salvação tinha tido a inspiração de São Januário, a rainha decide voltar a Nápoles em janeiro de 1879, oferecendo à imagem do Santo esta preciosa cruz episcopal.

Medindo 13 por 7 cm, está cravejada com oito belas esmeraldas muito uniformes, sendo que todas são de bela cor e pureza. Cabe destacar que a cravação, tanto dos brilhantes como das esmeraldas, é aberta, isto torna-se importante em particular para as esmeraldas, pois garante-nos que a cor que vemos é a que na verdade possuem, pois não foram aplicadas folhetas coloridas como tanto acontece nas nossas joias de setecentos e oitocentos, tendo-se mesmo prolongado ao longo de quase todo o século XX por mão de alguns joalheiros bem conhecidos. Não que essa pratica seja condenatória, desde que o comprador seja informado, mas nunca é possível atestar a verdadeira cor das gemas assim beneficiadas.

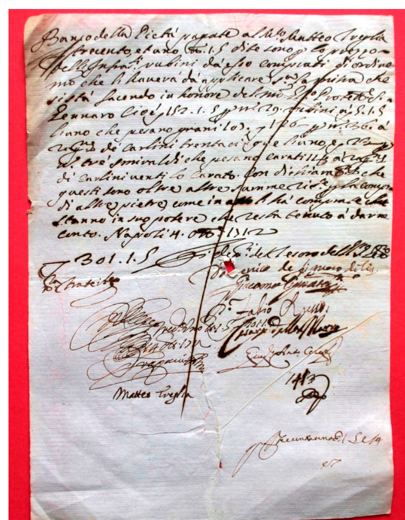


5 - Mitra de São Januário - Prata dourada e 3964 Pedras Preciosas

As esmeraldas desta Mitra constituem um dos melhores acervos de esmeraldas colombianas que se conhece. Tal facto poderia atribuir-se a alguma doação do futuro Carlos III de Espanha, pois este tinha residido por 19 anos em Nápoles, reinando como Carlos VII. Acontece que a Mitra foi encomendada em 1712, duas décadas antes de Carlos tomar Nápoles à Casa de Áustria. Era uma estória que encantaria nuestros hermanos, mas na verdade foi o joalheiro que a concebeu quem teve a iniciativa de adquirir tão fantásticas esmeraldas.

Tendo recebido uma grande quantidade de pedraria e objectos de valor para realizar a Mitra, Matteo Treglia decidiu utilizar somente esmeraldas, rubis e diamantes: as primeiras para simbolizar a eternidade e o poder; as segundas representando o sangue dos mártires e, finalmente os diamantes como representação da fé, cristalina e sem defeitos. Para isso propôs a venda de tudo o que não iria utilizar e com esse dinheiro comprar gemas de qualidade junto dos mais famosos comerciantes da época.

Para quem queira consultar os documentos relativos a esta encomenda, bem como a muitas outras efectuadas no âmbito deste tesouro, aqui fica o link para algo que deveria servir de exemplo para Portugal, onde se gosta muito de *citações* e *rodapés* mas não se disponibiliza essa informação…!





A 4 de Novembro de Novembro de 2010, A Christie's vendeu um par de bustos em prata com a a eles adquiridos por 42.000 libras pela firma *Walpole Fine Arts*, que procedeu a um estudo aprofundad atribuindo a escultura dos ditos a *Lorenzo Vaccaro* e a execução ao ourives *Gian Domenico Vinaccia*.

http://www.walpolefinearts.com/files/DescriptionSiteFinal6.pdf



altura de 65 cm, não marcados nem assinados, atribuindo-os ao “circulo de Matteo Bottigliero. Foram o dos mesmos, chegando à conclusão que estes bustos são obra napolitana de finais do século XVII, Pelo interesse que tem comparar estas obras, o estudo está disponível no seguinte endereço:



Numisma - 100 leilões a honrar a numismática portuguesa

Falar de numismática em Portugal sem mencionar a leiloeira Numisma é, no mínimo, absurdo, pois quase que uma coisa se confunde com a outra…

O 100º leilão realizado em Outubro de 2014 coincidiu igualmente com o 25º aniversário da Numisma, para realçar a importância deste acontecimento nada melhor que as palavras do seu Director, Javier Sáez Salgado:

Uma data especial só poderia ser assinalada com um leilão especial. É por isso que a Numisma apresenta uma moeda única – o Justo do Porto, de D. João II – e outra considerada única por Gomes, embora sejam conhecidos cinco exemplares – uma Meia Dobra Pé Terra. No "capítulo" das raríssimas há duas moedas excecionais: um outro Justo, de Lisboa, também de João II, e uma Dobra Pé Terra, de D. Fernando I. Estas moedas – verdadeiras "cerejas no topo do bolo" – são acompanhadas por outras raridades portuguesas e entre as quais se contam um Engenhoso de 1566 e um Morabitino. A coleção apresenta ainda um conjunto de moedas da IV dinastia, em especial de D. João IV a D. Pedro II. Dos Açores e Moçambique estão representados muitos exemplares com carimbo coroa grande, GP coroado e MR, sendo na sua maioria da coleção do grande numismata J. Ferraro Vaz. De Angola apresenta-se a quase totalidade das emissões de macutas de prata e muitos exemplares de cobre sem e com carimbo escudete coroado.



O grau de excelência posto nos seus catálogos é um exemplo para todos. Claro que a quantidade é a maior inimiga da qualidade, o facto de se ficar por um máximo de 4 leilões por ano, com uma média de 600 lotes cada, permite um cuidado redobrado na catalogação. O facto de se tratar de uma leiloeira especializada num só segmento do colecionismo, contribui muito para que essa excelência seja conseguida. Uma boa catalogação exige cada vez mais uma base de dados gigantesca e uma dedicação em exclusivo.

A vantagem das grandes casas de leilões generalistas é terem as várias áreas segmentadas por departamentos especializados, sendo que isto é possível em países muito populosos e de elevado poder de compra, sendo que Portugal não tem nem uma coisa nem outra, mas, paradoxalmente, assiste a um despontar de novas leiloeiras, sem nada de inovador e que em última instância só irão baixar a qualidade do serviço globalmente oferecido. A Numisma é o paradigma do que deve ser feito e os resultados aí estão para o comprovar.



Dobra Pé-terra

A Numisma apresentou em venda uma Dobra Pé-terra do rei D. Fernando, num magnífico estado de conservação. Praticamente nova, tem relevo excelente e um bom retrato do rei em pé, sob um arco ogival, com armadura, espada ao alto e a mão esquerda sobre o escudo das quinas, como armas nacionais.

No reverso, uma grande cruz floreada, com quina central, tudo dentro de um quadrilóbulo, mostrando a influência das moedas francesas contemporâneas. Pesa 5,13g.

Vendida por € 100.000







Meia Dobra Pé-terra

A meia dobra pé-terra é muito mais rara ainda do que a dobra pé-terra e terá sido, muito raramente apresentada para venda. Não foi apresentado nenhum exemplar no leilão de Leu em 1992, na coleção Pinto de Magalhães, nem na coleção Shore de 1945. Gomes afirma existirem cinco exemplares conhecidos, incluindo o apresentado – duas variantes com um carimbo escudete plano no centro reverso (existem dois exemplares registados de cada), tendo esta variante um carimbo escudete aguçado, sendo descrita como única. O presente exemplar é referido e ilustrado por Gomes como 91.03 e na Numária Medieval Portuguesa por J. Ferraro Vaz, nas págs. 418 e 419, Tomo II, 1960.

Vendida por € 190.000

Justo do Porto

No leilão número 100 da sua história apresenta uma moeda única: o Justo cunhado no Porto. Para conhecer o seu "percurso" é preciso recuar até 1890. É nesse ano que aparecem as primeiras referências a esta moeda através do comerciante suíço Jules Meili.

J. Schulman voltaria a "cruzar-se" com o Justo do Porto em 28 de Junho de 1926. Nesse dia, também em Amesterdão, foi leiloada uma "renomada colecção" de moedas de ouro de Portugal e das suas colónias e do Brasil. Quase um século depois, o Justo do Porto volta a ser notícia. Desta vez é a Numisma que apresenta aos colecionadores e investidores de todo o mundo uma peça única da numismática portuguesa.

Vendida por € 205.000



Mato Grosso - Barra de ouro 1813 - Peso 1.388 g no toque de 984 ml

A Numisma apresentou nesta venda a maior barra de ouro do Brasil até hoje conhecida, a qual foi fundida e registada na oficina de Mato Grosso, com o nº 104, no ano de 1813, com o peso de 6 marcos, 3 oitavas e 5 grãos, que correspondem a 1.388 gramas, calculadas pelo peso de 229,5 gramas no marco. O seu teor, de 23 quilates e 5/8, corresponde a ouro de 984,375 milésimos. Terá, assim, 1.366,3 gramas de ouro fino.

Esta peça, naturalmente única, como são todas as barras, pela improvável coincidência de outro registo com o mesmo teor e a mesma quantidade de ouro, esteve até ao corrente ano sem ser dada a conhecer.

Vendida por € 165.000

Maria da Conceição Diniz é um nome que passa despercebido a quase todos os portugueses. Dizer que foi a portuguesa mais rica do mundo será tido como um disparate, portanto o melhor é começar por esclarecer que estamos a falar de São Schlumberger, a Maria da Conceição nascida em 1929 no Porto e que casaria em 1961 com o multimilionário Pierre Schlumberger.

Em Portugal tornar-se-ia famosa com a realização do célebre baile "La Dolce Vita" na sua Quinta do Vinagre, em Colares, precisamente na mesma semana da celebérrima festa dada por Antenor Patiño. Semana essa que ficaria marcada igualmente pela queda de Oliveira Salazar que levou à sua morte e à ascenção de Marcelo Caetano. A França tinha tido o seu Maio de 1968, nós tivemos o nosso Setembro de 68 a roçar o surrealismo...

5-9-1968 DIÁRIO POPULAR PÁGINA 7

DOZE HORAS NA QUINTA DO VINAGRE

Crónica de VERA LAGOA

São sete horas da manhã. Acabo de chegar a casa, vinda da Quinta do Vinagre. Vinda da festa que os Schlumberger ofereceram. Da festa para a qual foram convidadas celebridades internacionais. Para a qual foram convidadas celebridades nacionais.

Podia começar por dizer que o Sol começa a nascer mesmo em frente dos meus olhos, mesmo em frente da minha janela, mesmo em frente da minha máquina de escrever. Podia. Mas já toda a gente conhece o nascer do Sol. Ninguém está interessado em saber o que avisto da minha janela. A verdade é que se espera que conte a festa. Houve até quem, sem piedade, insistisse comigo para que ficasse mais tempo em Colares. Acharam-me desmancha-prazeres. Pois serei. Mas também ninguém tem prazer em se sentar à máquina às sete da manhã, para descrever flores, vestidos, jóias, ceias, orquestras. Sinceramente, neste momento, com o tal Sol a surgir, apetecia-me muito mais falar dele do que da noite que acabou. Mas como não é oportuno falar do Sol que a todos aquece, falarei da noite que coube aos escolhidos.

OS POSTIÇOS

Vêm a propósito. Vêm. Pois não houve um cabeleireiro que trouxe para Portugal vinte quilos de postiços? Ora eu peguei

Fotografias de JOSÉ ANTUNES

mem de bigode que a acompanhava.

A propósito da prata da casa, devo dizer que, apesar de serem lindas algumas das convidadas estrangeiras, lindas eram muitas das portuguesas que ali estavam. E bem vestidas.

Que mania tenho de me afastar dos assuntos! Estava na chegada dos convidados. Vestida por Givenchy, chegou Audrey Hepburn, essa, eleita a mais simpática. Dançou com toda a gente, foi muitíssimo gentil, deixou a melhor das impressões.

A Begum já tinha entrado. Vi-a depois no pavilhão. Ainda muito bonita, cabelos prateados, de sari, um sari lindíssimo, coberta de dia-



-se ao microfone: «Aproxime-se a viatura tal». Não gostei. Acho o nome de viatura muito feio.

Mas que tenho eu com isso? Não estou para aqui a contar dos vestidos? Então vamos a isso.

Não vi a Mary Espirito Santo, que foi uma das primeiras pessoas a chegar. Mas disseram-me que estava de branco e muito elegagnte. Não admira. É «uma das mais». E, por mais, vejo chegar Maria Amélia de Mello, com um deslumbrante vestido azul. De azul vestia a dona da casa, um vestido de Givenchy, que, por sinal, não a favorecia muito. Também o penteado de Alexandre, que por ali andava com um «smocking» de damasco, não beneficiava Maria da Conceição Schlumberger. Ela é muito mais bonita sem aquelas coisas todas.

Mas ainda não abandonei a chegada dos convidados. Tilda Tamar, a actriz argentina, vestida por Lanvin, era acompanhada por um «superpêssego» que disse ser

teiramente sem costas e trancinha fininha a enfeitar a testa, era a Odile Rubirosa. Exactamente. Que simpática a Joyce Mann! Vestida de branco, por Tavillia, da Califórnia, era uma das mais sorridentes mulheres da noite. Mas a mais mais mais foi *Vala Byfield*, de *Nova Iorque*, uma das dez mulheres mais elegantes do mundo. Trazia um vestido de Armand, um novo costureiro, um vestido preto e branco, que foi o espanto da noite. As jóias fabulosas eram todas de Winston. O diamante do anel, apenas de cinquenta e cinco carats... O quarto diamante do mundo. E, com tudo isto, a mulher mais acessível e simpática que se pode imaginar. Fotografei-a como quis e entendi — e até me pediu o jornal para mandar para Paris, para o Armand. No baile Patiño, Vala Byfield vestirá de Patou ou Grès. Está hesitante por causa das jóias que serão de Van Kleff e não ficam bem com o vestido de Patou que é todo bordado.

Nunca mais acabo. Nunca mais. Já são oito horas e meia e estou desesperada. Mas tenho ainda tanta coisa para escrever!

Maria Helena Chaves, trazia um maravilhoso vestido que me disse ter sido feito em casa. Elegante e natural, esta mulher é de uma franqueza excepcional. Feitos em casa eram muitos dos mais belos vestidos, o que só honra as nossas costureiras.

De Candidinha, muitos vestidos. Muitos. Também dos mais bonitos. Era dessa casa o de Maria Amélia de Mello. Ratna Devi, ex-mulher de Sucarno, pequeníssima e bonitíssima, usava sari.

Apesar de a dona da casa ter dito que não consentiria pijamas, muitas calças e bermudas com túnicas apareceram. E eram tão bonitos os fatos que ninguém se opôs a que entras-



Douglas Fairbanks Jr. e esposa

tido de Capucine era de Balenciaga. Como estava linda a viscondessa de Ribes!

E OS HOMENS?

Ora, sendo quase nove horas, não posso descrevê-los. Não consegui enumerar todas as mulheres elegantes quanto mais os ho-

hoje, não conseguiria descrever tudo. E mesmo assim...

Onde ia? No regresso. Mas antes devo falar nas flores.

AS FLORES

Apesar de serem lindas confesso que teria preferido que fossem portuguesas. As nossas flores, assim como os nossos







Sotheby's vende Coleção Schlumberger por US$ 80 Milhões



A página anterior é uma exceção à nossa regra de evitar tudo o que seja crónica social, mas escrever sobre São Schlumberger retirando a parte social é um absurdo, para colmatar esse facto e não fugirmos à regra, decidimos inserir no catálogo da coleção de arte uma crónica publicada na Vanity Fair de 2010, escrita por Bob Colacello que, além de cronista social dessa revista foi amigo pessoal de São Schlumberger. Aí é traçado todo o perfil da visada, enquadrando a coleção na vida da sua proprietária.

O catálogo a que podem aceder clicando na foto, é a junção das obras de arte que a Sotheby's vendeu em quatro leilões distintos, todos no mês de novembro, decidimos juntá-los por forma a ficarem com uma visão do total dessa coleção. A única obra célebre desta coleção que já havia sido vendida, era o retrato da proprietária pintado por Salvador Dalí, quadro esse de que São nunca gostou e que venderia após o falecimento de Dalí. As obras agora dispersas eram propriedade de sua filha Victoire, que optou por continuar a viver na Quinta do Vinagre junto com os seus dois filhos. Ironicamente o quadruplo retrato de São, feito por Andy Warhol em 1974, não encontrou comprador disposto a pagar os 2 milhões em que estava avaliado, sendo que no mesmo leilão um retrato de Elizabeth Taylor datado de 1963 seria arrematado por 31 milhões...

Em 1990 a leiloeira Silva's realizou um leilão de uma suposta "Coleção Schlumberger", dizemos suposta pelo simples facto de que logo a abrir o catálogo, na parte das joias, estavam várias que haviam sido por um de nós avaliadas e que nada tinham a ver com São Schlumberger, o que nos leva a duvidar da proveniência de muitos dos restantes lotes.

As obras de arte agora dispersas pela Sotheby's referem-se exclusivamente a arte moderna e contemporânea, inclusivamente nas joias a única em leilão foi o colar de Dalí, todo o restante espólio de São Schlumberger permanece desconhecido, nomeadamente as suas joias que eram em quantidade e qualidade sem paralelo na sociedade portuguesa, sendo que outras coleções importantes por cá existiram, nomeadamente as de Merícia de Lemos, a poetisa nascida em Moçambique e casada com o célebre antiquário Jacques Kugel, que também foi viver para Paris e lá faleceu. Olhando para o actual mercado de arte em Portugal, que saudades desses tempos e dessas pessoas que tinham uma visão muito para além das nossas fronteiras.

Fortunas ainda as há, bom gosto no que se compra é que vai escasseando...

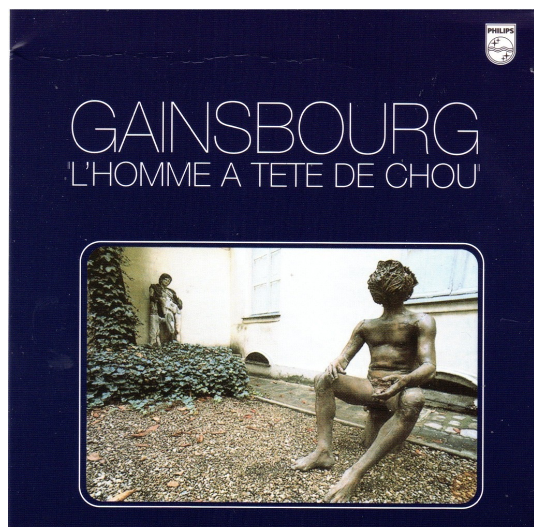


Mark Rothko - Red, Brown, Black and Orange, 1951 - Vendido por 45 Milhões de dólares



Colar em ouro Mar em Turbilhão concebido por Salvador Dalí em 1954 e executado em 1963
US$ 665.000

Se o colar de Salvador Dalí mostra o vanguardismo das Joias de São Schlumberger, o faqueiro em prata de CLAUDE LALANNE ainda hoje, passados quase 50 anos desde a sua criação, é de uma actualidade que só pode comprovar a sua intemporalidade. Nele se junta o gosto de Claude pelo mundo vegetal com o fascínio que seu marido, François Xavier, tinha pelo reino animal. Talvez a máxima destes artistas—de que a arte suprema era a arte de viver—tivesse levado São Schlumberger a interessar-se pela sua obra. Os Lalane tornar-se-iam famosos quando, em 1976, o artista Serge Gainsbourg escolheu uma escultura de sua autoria para ilustrar a capa do seu álbum *L'Homme à tête de chou.*









OURIVESARIA PORTUGUESA Nº 2 - A EDITAR EM FINAIS DE DEZEMBRO...

Depois deste número 1, que na prática é um nº o experimental, iremos lançar em finais de dezembro o nº 2, onde faremos um balanço do que de mais importante surgiu no mercado durante o ano, sendo o artigo de fundo sobre a peça que a Cabral Moncada irá levar a leilão em dezembro, peça essa que é nem mais nem menos que o elemento principal de um conjunto mais vasto que pertenceu à casa real. A valorização que terá todo o restante conjunto torna impreterível que o Estado o compre, até porque o valor base de leilão é agora cerca de 6 vezes inferior ao que foi pago há 100 anos quando o Banco de Portugal o alienou.



Quanto ao mercado internacional, este foi um ano recheado de records, tanto a nível de joias como de relógios. Nas pratas não se revelou o mesmo entusiasmo, o par de bilhas em prata dourada, com marca de Lisboa de meados do século XVIII, de uma extraordinária beleza e qualidade de execução, associadas a uma proveniência de primeiro plano, foram arrematadas um pouco abaixo da estimativa mínima - cerca de € 22.000 por algo que há uns anos facilmente iria aos € 100.000. Em todo o caso, uma salva que outrora pertenceu a um Rothschild, trabalho atribuído ao séc. XVI português, seria arrematada na Christie's por € 205.000, confirmando o interesse que continua a haver por este tipo de objectos.

Os grandes protagonistas do ano foram os diamantes de cor, sendo batidos sucessivos records. Qualquer livro sobre diamantes fica rapidamente desatualizado, tal é a profusão de pedras de exceção que afluem ao mercado leiloeiro. No nosso site tínhamos feito, ainda há não muito tempo, um ranking com os diamantes mais valiosos - agora teremos que refazer tudo, tais foram as alterações que surgiram.

Nos relógios tivemos o privilégio em assistir à venda do mais caro relógio da história, só que a estória que tem por detrás diz muito do que é hoje o mercado das peças multimilionárias, onde nem tudo o que parece o é de facto.

FEITO PARA A CASA REAL HÁ 150 ANOS
DESAPARECIDO HÁ 100...

